

DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

Cultural diversity at school

Daniela Alves de Souza¹
Júlia Frey do Canto¹
Lisandra Theobald¹
Natieli Kottschalk¹
Wilson Staub¹

Resumo: O detalhamento a respeito da diversidade cultural na escola preza para o bom desenvolvimento da integração das culturas presentes no educandário. Saber diferenciar cada etnia e cada modo de agir das pessoas que fazem parte do espaço escolar é prioridade quando o preconceito contorna as atitudes dos estudantes. A escola deve envolver as culturas presentes, reorganizar seu espaço e salientar à comunidade o quanto é necessário a integração de ambas. A sociedade deve compreender que a educação, dentre as transformações que vêm ocorrendo na sociedade, é capaz de reverter a situação difícil que vem vivenciando a diversidade cultural. Progredimos tecnologicamente e globalmente, e regredimos quanto às nossas origens culturais. Negros, indígenas, ciganos, grupos opostos na cultura, mas iguais na batalha por um espaço na sociedade. Precisamos desenvolver uma escola em que os alunos, além de aprender sobre as diferenças, saibam respeitá-las, o que é de fundamental importância para a formação, desde cedo, do seu papel como cidadão na sociedade. E esse é o grande desafio: respeitar os diferentes grupos e culturas que compõem a esfera étnica brasileira, motivando o convívio dos grupos e enfocando o crescimento psicocultural. Por isso, não basta sermos agentes de transformação, mas sim exemplos a ser seguidos em uma sociedade onde as culturas estão se tornando escassas e a educação age como papel de transformação na sociedade.

Palavras-chave: Diversidade cultural. Escola. Alunos.

Abstract: The details about the cultural diversity in school prizes for the successful development of the integration of cultures present in primary school. Know differentiate between each ethnic group and each mode of action of the people who are part of the school is priority when prejudice circumvents the attitudes of students. The school should involve the cultures present, reorganize your space and point the community, as the integration of both is needed. Society must understand that education, among the changes that have occurred in society, is able to reverse the difficult situation that has experienced cultural diversity. We progress technologically and globally, and regressed as our cultural backgrounds. Blacks, Indians, gypsies, opposing groups in culture, but equal in the battle for a place in society. We need to develop a school that students, in addition to learning about the differences, respect them know, which is of fundamental importance for the early formation of its role as a citizen in society. And this is the great challenge comply with the various groups and cultures that make up the Brazilian ethnic sphere, encouraging the interaction of groups and focusing on the psycho-cultural growth. So do not just be agents of transformation, but examples to be followed in a society where cultures are becoming scarce and education acts as paper processing in society.

Keywords: Cultural diversity. School. Students.

Introdução

Aquilo que a escola ensina ou mesmo que deixa de ensinar compõe o chamado currículo. O currículo extrapola as disciplinas e as áreas do conhecimento para tornar-se movimento vivo das situações vividas na escola e fora dela.

Vivemos um momento de grandes transformações em todas as áreas da sociedade mundial, de uma maneira extremamente veloz e impactante. Observa-se a transformação dos meios

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

de comunicação, com a infiltração do suporte tecnológico e a socialização do acesso às redes telemáticas, influenciando não só os padrões de consumo, como também os modelos de produção. Isso resulta em índices cada vez mais elevados de desigualdades entre as classes, bem como aumenta os problemas sociais através da exclusão, violência, drogas, fome, miséria.

Estamos construindo uma sociedade desigual e, muitas vezes, desumana. Alimentamos nossos desejos, nossa ganância, nosso poder, e usufruímos de tudo ao nosso redor, esgotamos o meio ambiente, as fontes não renováveis. Ocupamos todos os espaços e através do capitalismo caminhamos para a nossa própria destruição.

Sem dúvida, a maneira mais completa e coerente para tentarmos resolver os problemas hoje enfrentados pela sociedade, se não no todo mas pelo menos em parte, é através da educação. À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, um apoio cultural e social.

Neste estudo pretende-se destacar a diversidade cultural na escola, enfocando-se na sociedade, de modo geral, e como esta deve ser abordada dentro da escola, enfatizando o que a instituição escolar nos ensina para desenvolvermos um trabalho melhor com nosso aluno.

Contribuições para o estudo da diversidade cultural no âmbito da escola

Falar sobre a diversidade é aceitar que cada ser é único dentro do processo de educação inclusiva e é preciso entender também que cada ser humano precisa se entender e se aceitar. Assim, também o professor deve aceitar-se como um ser diferente, com potencialidades e fraquezas. Segundo Moraes (2003, p. 48), “O fenômeno da educação e da aprendizagem é também fenômeno de transformação na convivência e o aprender se dá na transformação estrutural que ocorre a partir da convivência social”.

Neste contexto a escola tem grande importância na socialização do indivíduo, é na escola que a criança muitas vezes tem seu primeiro contato com outras culturas, é na escola também que a criança começa a se relacionar com pessoas diferentes do seu convívio familiar. Para que isso ocorra, crianças e jovens precisam ver no professor alguém justo, que não os trata de forma padronizada, mas enxerga suas diferenças e as valoriza. Na escola atual também não pode haver espaço para que o medo impeça os estudantes de ter uma boa experiência educacional. É hora de levar a sério os casos envolvendo culturas, e valorizá-las, caso contrário, podemos perdê-las de vista.

O bom trabalho educativo é feito por professores que sabem atuar nas circunstâncias que encontram, mesmo sem contar com recursos necessários a qualquer escola e que nem sempre estão disponíveis. Lembrando que educar também é uma arte do possível e, portanto, deve ser apreciada em seu contexto, e não julgada de forma abstrata. Os educadores, para terem uma classe que respeite as diversidades culturais, podem se utilizar desta ferramenta para transmitir aos alunos a importância deste contato com culturas diferentes. (MENEZES, 2012).

Quando se trata do diferente, tanto no contexto escolar como social, somos formadores de opinião, que, se não for bem fomentada, é geradora de preconceito e discriminação, que vão desde apelidos pejorativos, racismo e desrespeito. Neste sentido, Rocha (2009) defende:

O desenvolvimento de um clima organizacional favorável à formação sistemática da comunidade escolar quanto à educação das relações étnicorraciais e o respeito às diferenças, no qual sejam abolidos do cotidiano escolar apelidos depreciativos, situações vexatórias de discriminação e racismo, assim como as falas de desrespeito e desvalorização, relativas às questões de gênero, religiosidade, orientação sexual, raça e etnia [...]. (ROCHA, 2009, p. 28).

Ainda conforme o autor, se quisermos construir uma proposta educacional inovadora no que se refere às diferenças étnicorraciais, “é necessário priorizar uma visão positiva das diferenças étnicorraciais, edificando, entre alunos e educadores, relações mútuas de respeito, essenciais para a convivência entre diferentes identidades. O diálogo deverá ser um dos instrumentos de inclusão/interação entre os sujeitos socioculturais”. (ROCHA, 2009, p. 28).

O material pedagógico pode também conter conteúdos que instigam o racismo, educadores devem ficar atentos e fazer uma análise crítica dos materiais que serão usados em sala de aula. É preciso expressar nas produções escolares que o Brasil que somos é fruto das culturas indígena, europeia, africana e asiática, em toda a sua diversidade cultural. (BRASIL, 1998).

A perspectiva de ensino e aprendizagem é importante para esclarecer o caráter interdisciplinar que constitui o campo de estudos da diversidade cultural. Essa perspectiva constitui uma base sobre a qual opera o mundo educacional e deve ter cunho eminentemente pedagógico.

Acrescenta-se a esse fato o de que muitos grupos humanos, de que trata o tema Diversidade Cultural, têm produzido um saber rico e profundo, particularmente no âmbito de movimentos sociais e de organizações comunitárias, como é o caso dos grupos sociais, como *punks*, por exemplo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam que “abre-se à escola a possibilidade de empreender em seu cotidiano uma reflexão que integra, de maneira ímpar, teoria e prática e reflexão e ação”. (BRASIL, 1997, p. 35).

Para os alunos, o tema diversidade oferece oportunidades de conhecimentos de suas origens, como brasileiros e como participantes de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, o tema propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano, cooperando na formação de autodefesas e expectativas contrárias que poderiam ser prejudiciais ao seu desenvolvimento social. (BRASIL, 1997).

Segundo o mesmo documento, o ponto-chave do clima de aprendizagem é abandonar a ideia determinista de que a escola apenas reproduz as desigualdades sociais, ou seja, de que ela não é capaz de ajudar os alunos em situação de vulnerabilidade a avançar. Entender que a forma de professores e estudantes se relacionarem mudou nas últimas décadas, e saber lidar com essa nova conjuntura faz parte do clima relacional. O autoritarismo dos tempos da ditadura não funciona em um ambiente democrático, e a autoridade docente deixou de ser imposta. Hoje ela precisa ser legitimada pelos alunos.

Função da escola na educação para a cidadania

Em face dos variados processos de exclusão, os jovens têm ocupado diversos espaços públicos, transformando-os em territórios onde se encontram e se expressam por meio da música, da dança e do grafite, entre outras linguagens. Refletir sobre a relação entre a juventude e seus territórios é fundamental para compreender, respeitar e valorizar as culturas juvenis.

Refletir sobre a relação entre juventudes e territórios implica entender suas multiterritorialidades, ou seja, os diversos territórios juvenis marcados por distintas histórias, valores, culturas, alianças e conflitos. Por vezes, esses territórios são vividos pela juventude de maneira sobreposta. Nesse sentido, os territórios são dominados, usados e apropriados pelos jovens e, ao mesmo tempo, tais territórios também excluem, expulsam e recusam esses sujeitos, participando ativamente da construção de suas identidades. (BRASIL, 1997).

O papel da escola na formação da educação para a cidadania é fundamental, mas devemos lembrar sempre que a escola deve ser uma sequência da família, complementando saberes

e culturas. A escola atua como mais um centro fundamental e importante de informações dentre as instituições culturais. Uma das principais características da sociedade democrática é a educação acessível a todos, sem privilégios.

A escola é responsável pelo ensino em todos os seus níveis e assume para si a educação dos indivíduos, ao lado da família, devendo aperfeiçoar-se constantemente, pois o professor deve agir como mediador de informações atualizadas, acompanhando a evolução, renovando seus métodos de aprendizagem escolar, e intercalando grupos e esferas culturais com o cotidiano.

O professor, para desenvolver sua prática de ensino, precisa desenvolver-se como profissional e como sujeito crítico da realidade da qual faz parte, isto é, precisamos poder ter oportunidades de situar-nos como educadores e cidadãos, e, como tais, participantes do processo de reconhecimento de seus direitos e deveres, de valorização.

Na maioria das escolas brasileiras existem professores que não completam essas dimensões, que são as formações contínuas. A melhor forma de adaptar-se às diversidades culturais é estar aberto ao novo e ao diálogo e buscar qualificação. É essencial conhecer as teorias pedagógicas e ter formação para a solidariedade e a cidadania.

A escola não pode ser de tempo parcial, nem uma escola somente de letras, nem uma escola de iniciação intelectual, mas uma escola, sobretudo, prática, de iniciação ao trabalho, de formação de hábitos de pensar, hábitos de fazer, hábitos de trabalhar e hábitos de conviver e participar de uma sociedade democrática, cujo soberano é o próprio cidadão.

Ensinar ou viver pluralidade cultural

No Brasil, a consolidação da incorporação da diversidade cultural no âmbito escolar se deu através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), incluindo também temas como o da pluralidade cultural. Assim:

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade (BRASIL, 1998, p. 117)

O fato de os alunos serem provenientes de diferentes famílias, diferentes origens, assim como cada professor e todo grupo escolar terem uma história diferente, permite desenvolver uma experiência de interação entre os diferentes, na qual cada um aprende e cada um ensina.

Para o aluno, o que importa é ter a segurança da aceitação de suas características. Trata-se de oferecer à criança, e construir junto com ela, um ambiente de respeito, de aceitação, de interesse pelo apoio à sua expressão, de valorização pela incorporação das contribuições que ela venha a trazer.

Sem dúvida, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, p. 141), “a pluralidade vive-se, ensina-se e aprende-se. É um trabalho de construção, no qual o envolvimento de todos se dá pelo respeito e pela própria constatação de que nada se sabe sobre ele, a não ser o que a própria imaginação fornece”.

Para lançar o desafio de construir o seu projeto, a escola precisa partir do mapeamento dos aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais da região onde se encontra, bem como conhecer o contexto social do aluno e de sua família e analisar os acertos e desacertos de suas

práticas pedagógicas. Somente assim o projeto pedagógico será um instrumento de trabalho útil para a comunidade escolar. Portanto, cabe a nós professores ensinar o diferente, compreender todas as culturas que nos cercam, para assim poder vivenciá-las.

Diversidade cultural e cidadania

Em uma proposta curricular voltada para a cidadania, o tema da diversidade cultural ganha especial significado, ao propiciar elementos para que a criança estabeleça relações entre o equilíbrio democrático e a consolidação do pleno cumprimento de seus direitos, a existência de diferentes grupos e comunidades étnicas e culturais e sua própria vida.

A família é considerada o nosso grupo básico de formação educacional, para que façamos parte de uma boa sociedade. É na família que desenvolvemos a afetividade, através do amor entre pai e mãe e estes com os filhos. A base familiar de nossa educação cultural está na nossa casa, nos primeiros anos de vida.

Se a escola realmente almeja uma formação para a cidadania, precisa, sobretudo, oferecer aos estudantes a possibilidade de experimentar o exercício participativo, democratizando a gestão e dando voz à diversidade de opiniões e interesses. Para isso, toda a equipe pedagógica deve construir metodologias que dialoguem com as vivências e as experiências trazidas pelos jovens.

Segundo Ferrari (2008), o que leva os estudantes a desenvolver suas capacidades é a educação que recebemos e as oportunidades que nos são apresentadas. Porém, a base fundamental para o desenvolvimento da família é a educação, e esta só se desenvolverá com o auxílio da família, ambas devem trabalhar juntas para um melhor resultado na futura sociedade, envolvendo amor, afetividade e, principalmente, cultura.

Por todo o país, educadores, estudantes e pais buscam saídas para os problemas da educação. No sistema público, a violência e os índices de repetência e evasão são endêmicos. No ensino privado, a qualidade é inferior à média dos países desenvolvidos. Num mundo globalizado, em que a educação adquiriu um papel estratégico para o desenvolvimento das nações, algumas escolas brasileiras encontraram soluções simples, que, se replicadas, poderiam mudar o quadro da educação no país. (COTES, 2006).

A escola enquanto “civilização indígena”

Chamamos de índios ou indígenas todos aqueles que habitavam o Brasil quando da sua colonização pelos europeus, como se todos fossem iguais. Entretanto, pode-se afirmar que não existe nenhum povo, tribo ou clã com dominação de índio. Na verdade, cada índio pertence a um povo, a uma etnia identificada por uma denominação própria, ou seja, a autodenominação, como o Guarani, o Yanomami etc.

A Constituição de 1988 reconheceu a cidadania indígena e promoveu dentro da sociedade brasileira a valorização das culturas indígenas. Na atualidade o índio tem direito à educação, saúde, cultura e às tradições dos seus ancestrais. (BRASIL, 1998). Os indígenas, por muito tempo, viam a educação e a escola como um meio de o branco impor sua cultura, por isso sempre tiveram certa desconfiança e eram adversos quanto à escolarização na sociedade. Porém, com o passar dos anos a globalização e a necessidade fizeram com que os indígenas revissem o assunto educação e escola.

Neste sentido, compreende-se que uma educação escolar pode ser uma ferramenta no fortalecimento das culturas e identidades indígenas e um instrumento a mais na luta pela cida-

dania. O fato de a educação escolar ter feito parte da catequização dos indígenas pelos colonizadores contribuiu em muito para o fim de algumas das suas culturas.

Nas aldeias indígenas a palavra aprender ainda está mais relacionada aos ensinamentos que são repassados de geração a geração, educam através dos exemplos dados pelos pais, irmãos mais velhos e pelos líderes, e não através da escola. A partir de 1970, com o apoio de diversos segmentos da sociedade brasileira, os indígenas se mobilizaram para que se pensasse uma escola diferente para as crianças de suas tribos, reconhecendo a sua diversidade cultural, sua linguagem, suas tradições e os processos próprios de aprendizagem. (BRASIL, 1998).

Ciganos: quem são? Cultura e escolarização

O termo cigano é usado para designar povos de diferentes cores, crenças, religiões e costumes. Hoje existem muitos ciganos sedentários, mas, no passado, a maioria era nômade. Ser nômade quer dizer não ter endereço fixo, e isso significa dificuldade para o acesso a vários direitos, para os quais há necessidade de comprovante de endereço, como possuir uma conta no banco, obter determinados documentos etc. O povo cigano tem convivido e superado esses obstáculos, porém o preconceito e a ignorância das pessoas têm sido quase impossíveis de superar, pois essa etnia é uma das mais hostilizadas no mundo. (MARSIGLIA, 2008).

A discriminação, os maus tratos e a exclusão contribuíram para afastar as crianças de etnia cigana da escolarização. Outro fator que também colabora é que os ciganos somente contraem casamento com pessoas da mesma etnia, e ao frequentar a escola estão sujeitos a potencializar relações com pessoas fora da sua cultura. A questão pedagógica da não valorização da cultura e das tradições ciganas também é um fator forte para afastar os ciganos da escola.

Os ciganos têm sido prejudicados com a lentidão do poder público em entender a sua lógica, um exemplo disso é o fato de os ciganos nômades não receberem o Bolsa Família, além da falta de acesso à educação, atribuída à condição nômade. É necessário que o Ministério da Educação, os prefeitos e as autoridades comecem a estabelecer políticas sociais adequadas a essa realidade. (BATULI, 2007).

Negros

Os negros no Brasil, em sua grande maioria, são descendentes dos africanos trazidos para o país para serem escravizados e dos indígenas que habitavam o país quando da sua colonização. Foram muitos os povos de várias etnias africanas trazidos para o Brasil para a escravidão, trazendo em sua bagagem uma grande riqueza cultural.

Para Moraes (2003), é necessário discutir esse tema com os estudantes da educação básica, e uma das formas é revisar e replanejar o Projeto Político-Pedagógico (PPP) e o planejamento dos professores, pois esse conteúdo encontra-se nos livros didáticos de forma simplória ou é representado de forma distorcida e estereotipada, quando não está ausente em boas parte dos materiais didáticos.

A grande maioria dos brasileiros de origem africana e indígena só pode conhecer a sua história e a memória dos seus ancestrais a partir das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que alteraram a Lei n. 9.394, de 1996, responsável por estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira e indígena. (BRASIL, 1998).

Após mais de cem anos da abolição, acreditava-se que não havia mais racismo no Brasil,

mas as relações de poder, a violência, a desigualdade e o preconceito ainda praticados contra os negros desmentem essa afirmação.

Para trazer os negros mais perto da educação, o projeto pedagógico deve valorizar a diversidade étnicorracial e tratar com igualdade a cultura negra e sua história. A criação de programas através do governo, como o Prouni - Programa Universidade Para Todos, vem facilitando o acesso de jovens negros às universidades.

Conclusão

A diversidade cultural deve ser voltada à realidade da sociedade. Conhecendo profundamente essa diversidade, haverá mais possibilidades de desenvolver uma consciência de que cada ser humano é único, que as dimensões sociais nos envolvem em cada momento e em cada espaço que frequentamos e que existem diferenças entre as pessoas na sociedade.

Precisamos desenvolver uma escola em que os alunos, além de aprenderem sobre as diferenças, saibam respeitá-las, o que é de fundamental importância para a formação, desde cedo, do seu papel como cidadão na sociedade. Como educadores, devemos incrementar nossas aulas organizando-as de maneira lúdica, com atividades de conversação, contação de histórias, construção física e diversificada de realidades culturais diferenciadas, principalmente as que nos cercam.

O avanço tecnológico e social impõe à sociedade culturas moldadas, muitas vezes, longe da nossa realidade. A mídia, por sua vez, socializa a cultura dominante, e nos perdemos nessa visão individualista cultural. E esse é o grande desafio: respeitar os diferentes grupos e culturas que compõem a esfera étnica brasileira, desentrelaçando informações expostas a nós, e motivando o convívio dos grupos, enfocando o crescimento psicocultural. Por isso, não basta sermos agentes de transformação, mas sim exemplos a ser seguidos em uma sociedade onde as culturas estão se tornando escassas e a educação age com um papel de transformação na sociedade.

Referências

GRUPIONI, L. D. B. **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.

BATULI, M. S. **Povo cigano: o direito em suas mãos**. Brasília: Secretaria dos Direitos Humanos, 2007.

COTES, P. As escolas mais inovadoras. **Época**, São Paulo, ed. 403, set/2006. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG75307-6014,00.html>>. Acesso em: 8 maio 2014.

FERRARI, M. Howard Gardner, o cientista das inteligências múltiplas. **Nova Escola**, out/2008. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/howard-gardner-307909.shtml>>. Acesso em: 10 maio 2014.

LUCIANO, G. dos S. **Os índios brasileiros: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje**. Brasília: MEC; Secad; Rio de Janeiro; Laced; Museu Nacional, 2006. Disponível em: <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo6/etnico_raciais/os_indios_no_brasil.pdf>. Acesso em: 5 maio 2014.

MARSIGLIA, L. A. Saga cigana, a história e os segredos do povo mais misterioso do mundo. **SuperInteressante**, ed. 256, set/2008. Disponível em: <<http://super.abril.br/cultura/saga-cigana-447715.shtml>>. Acesso em: 27 maio 2014.

MENEZES, L. C. de. A melhor aula para cada circunstância: quem faz a diferença na educação é o professor preparado para criar situações de ensino de acordo com os recursos disponíveis. **Nova Escola**, ed. 258, dez/2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/melhor-aula-cada-circunstancia-732803.shtml>>. Acesso em: 25 maio 2014.

MORAES, M. C. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROCHA, R. M. de C. **A história da África na educação básica: almanaque pedagógico – referências para uma proposta de trabalho**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.